

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 >
Brazil, semestre	700 >
Avulso	20 >

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão—IMPRESA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

A reacção

Não ha tal questão religiosa; no fundo não existe senão a questão politica.

As instituições, que ainda nos regem, mercê do interesse de alguns, da indiferença de muitos e do egoismo de todos, tendo levado o paiz á ruina financeira pela crapulosa administração dos seus governos e a liberdade ao arbitrio do juiz de instrucção pela subserviência dos seus parlamentos, não tendo fomentado o progresso material nem diffundido a instrucção apesar de ter contrahido uma divida colossal e medonhamente crescente e de terem tido uma vida de mais de oitenta annos em plena paz pôde, as instituições, dizemos, acham-se completamente desacreditadas e desamparadas, quedando-se impotentes para resolver o problema economico e asphyxiando, quando respiram n'uma atmosphera de Liberdade. O instincto da defeza obriga-as a recorrer ao unico poder, que tambem por interesse proprio lhes dá solidariedade.

Eis a razão da alliança offensiva e defensiva da monarchia com o ultramontanismo; eis a explicação natural d'essa synbiose inextricavel e de vital interesse para o throno e para o altar.

Rematada ingenuidade será, pois, pedir á monarchia, que contenha a reacção clericalista, como dispauterio imperdoavel será pedir a alguém, que se suicide, quando não tenha vontade de morrer. Não é um mero capricho ou falso sentimento do Paço, quem protege e cultiva com amor a reacção, nem tão pouco o feitio aleijado moral e intellectualmente d'este ou d'aquelle chefe de governo, mas unicamente a resultante forçada d'esse binario de forças, que sentiram a necessidade de se conjugar: a corôa vendo nos jesuitas o ultimo e unico reducto, onde pôde defender-se, e estes soccorrendo-se d'aquelle para se installarem larga e commodamente n'este bello cantinho do Occidente. Afinal synbiose de interesses, que se não poderão confessar em voz alta.

Pelas razões, que deixamos dictas, mal se comprehende, que haja liberaes sinceros—e

cremos que os haverá—que pensem combater efficazmente a reacção religiosa dentro da monarchia, pois o mesmo é que pretender debellar a dôr sem atacar a causa, que a produz.

Pôde conseguir-se *analysar* o doente, momentaneamente, mas a dôr voltará e os estragos moribundos terão progredido.

Quem ama verdadeiramente a Liberdade tem um unico campo, inilludivel, d'onde pôde fazer fogo certo contra a reacção: é o partido republicano. No meio do equilibrio instavel e da confusão, em que ora se debate a sociedade, uma coisa se deve debuxar nitidamente aos espiritos desprevenidos: é que os campos estão hoje bem extremados. D'um lado a monarchia aliada com a reacção, mas afivelando a mascara liberal para ludibrio dos ingenuos; do outro o partido republicano hasteando com denodo, mas sem excessos demagogicos, a bandeira da democracia.

Embora á hora presente tome as proporções do maior perigo a guerra tenaz e ousada, que move a *jesuitada* a todos os que não commungam á sua meza, afigura-se-nos isto uma parte accidental da crise do regimen. O perigo real, o perigo de sempre, o perigo que nos levou á ruina e amanhã nos arrastará ao captivo, está em Lisboa, aloja-se nos paços realengos e nos magestosos edificios do Terreiro do Paço.

Nós não pedimos para estes a destruição, porque seria um crime o desaparecimento de taes bellezas architectonicas, que são attestados immorredouros do periodo aureo da nossa Historia, nem o perigo está nas suas paredes. O que nós desejaríamos vê destruidas são as ratanzas parasitarias das Necessidades e os roedores da Praça do Commercio desde os ministros pouco escrupulosos até aos continuos empertigados e madraços.

O povo, a arraia miuda, não é hoje mais fanatico, nem sente mais inclinação para a *fradaria*; por moda ou por interesse as velleidades de predomínio religioso são apanagio exclusivo das fidalgas ou das que o pretendem e fingem ser, ou dos peraltas aspirantes a ser qualquer coisa em *eiro* de sua magestade. Por tudo isto se vê, repetimos, que só do campo republicano se pôde travar combate efficaz, e que este combate tem de dirigir-se ás instituições

vigentes, que são a causa de todas as crises. Contemporizações, transigencias, formulas hybridas, são tudo mystificações ou... ingenuidades.

* * *

Resolveu a «Junta Liberal» —e não temos o direito de negar-lhe a melhor das intenções—dirigir-se com a população de Lisboa ao parlamento a pedir a resurreição das leis de Pombal, Aguiar e Bramcamp, respeitantes a congregações religiosas, e a derogação do decreto Hintze, que lhes legalizou a existencia. Com o devido respeito e pelas razões expendidas parece-nos isso uma jornada em pura perda. O actual parlamento é reaccionario e tem-n'o demonstrado em todas as votações, que puzeram á prova os seus sentimentos liberaes.

Nem com outra tendencia se pôde contar. Este, como qualquer outro, que venha a fabricar-se, é organizado para defender a monarchia e a *gamella* dos *attachis*; não irá promulgar a sua *abstinencia* e muito menos a morte do regimen, que detem o cofre das *graças*, nem o throno tal consentiria, porque não está resolvido, ao que parece, a deixar-se derribar sem lucta e passa bem sem deputados. Nem mesmo nos parece que as leis de Pombal, Aguiar e Bramcamp fossem filhas dos sentimentos liberaes dos legisladores, antes se nos afiguram um acto de defeza, porque, aqui para nós, baixinho para não offender os ouvidos dos seus admiradores, não é absolutamente certo que Pombal expulsasse os jesuitas, se o seu poder o não affrontasse, nem que Aguiar condemnasse os frades, se elles, em vez de serem miguelistas, fossem constitucionaes. Fiquemos por aqui para não melindrar mais a orthodoxia mesmo dos nossos correigionarios.

Orlando.

A OBRIGA

Para a matança

Informes de Hespanha relatam cenas punjentes, clamorozissimas, á partida das tropas para Melilla. Em Malaga as mulheres, filhos, paes, dos soldados, arrancam lagrimas aos mais insensíveis na hora da despedida e, identicamente, em Madrid, a mesma procissão de jentes inermes chora, grita, protesta abraçada aos expedicionarios. Caso mais

grave, em Barcelona, centro d'um separatismo irrequieto, nos quartéis as tropas insubordinam-se com a recusa de embarque. E' que uns e outros, os de Malaga, os de Madrid, os de Valencia e os de Barcelona são empurrados á força para a guerra, para a chacina. E uns e outros de xam familia, affectos, carreira, trocando-os pela vida epidemica de acampamentos e pelo azar das batalhas.

Esta guerra em que a Hespanha compromete, deploravelmente, a sua honra e os seus recursos é uma exigencia capitalista e uma subserviencia de politiquice monarchica. A Hespanha nada lhe dá, e nem a desculpa com a atenuante d'um patriotico, apaixonado desforço.

Serve a Companhia mineira de Melilla e aproveita aos suspeitos interesses das duas amigas de fresca data,—a Inglaterra e a França.

Não é uma guerra de conquista porque Marrocos tem garantias pela convenção de Algeciras, e, melhor que esse fraco apoio, dispõe de forças mais que bastantes para impedir aos nossos vizinhos qualquer apropriação efectiva. Materialmente pois, é um erro; nos dominios da positividade é uma luta ruinosa.

Vista mais d'alto, á face d'um conhecimento filosofico justo, é um crime contra o individuo, contra a historia. Contra o primeiro porque, hespanhol ou rifenho, lhe impõe o exercicio da atividade anti-humana por excellencia—a guerra, o massacre; contra a segunda porque, violentamente, procura modificar o natural estado de couzas, levando a um paiz extranho males de toda a especie, substituindo-se aos direitos imprescrevíveis d'um povo na sua caza e na sua vida; com uma intromissão anti-geografica, injustificada, abuziva. Os hespanhoes querem a Hespanha para si proprios e está bem, teem razão; o mesmo querem os marroquinos, e não está bem, não é razoavel que os espingardeiem por tal desejo. O governo em Hespanha, catolico de quatro costados, e gabaudo-se de cristão puro, o que o impediria de guerrear se o cristianismo que afirma tivesse realidade d'ação, não considerou esses pontos de primordial e indefetivel direito das jentes, mas o povo, os soldados, viram o que se mascarava sob um patriotismo postico. Viram-no e protestaram: pena foi não terem, preparada, na mão a força que impedisse esse crime. No entanto o protesto que disseram alto honra-os perante os homens e valoriza-os ante a Consciencia.

Antonio Valente.

ECHOS DA SEMANA

O filho prodigo

Alpoim, o recém-voltado á familia monarchica, deu-nos sexta-feira nos Pares o comovente da sua retratação pura e simples. «Perante o governo e dentro do bloco abdicado do programa do seu partido» disse-o, sem se afundar pela terra de dentro, sem se derreter de vergonha—todo derretido de amores para a

gamela á franca que lhe porá o governo. Quer Deus que os bons amigos para o fim das contas se juntem, e assim é, que, o alpoimismo, voltando ao seio dos manes fecha atraz de si uma porta que com uma gazua, escondidamente, se abraça. A abdicção do programa, meia duzia de bexigas cheias de vento, palanfrorio de empreitada manhoza, corresponda-se com uma tranca bem ajustada ao portão, couza forte; para nos livrar uma vez por todas de viztantes de duas côres.

Honras

Afirmou discursando Alpoim «que o melhor titulo de gloria da sua vida, o melhor titulo de honra que hade deixar a seus filhos é o ter entrado no movimento revolucionario de 28 de janeiro, fossem quaes fossem as consequencias d'esse movimento».

Nós abundamos na mesma ordem de ideias como sóe dizer-se em lexico parlamentar. Só com uma certa differença. E' que essa cumplicidade não é o melhor, como diz, mas sim o unico titulo de honra da sua vida. Quanto á herança do conselheiro, se os descendentes se poderem envaidecer legitimamente da revolução combinada, tambem, legitimamente, devem corar e amesquinhar-se da retratação que se lhe seguiu. E a ultima situação que se lhe viu mais que a primeira... *tu l'as vou-lue Jorge Dandin.*

Entre irmãos

Turvam-se os ares na America do Sul com ameaças de guerra entre a Bolivia e a Argentina.

O motivo é como quase sempre uma questiuncula de vaidades, de amor proprio irritado, de desvirtuamento do senso comum.

E por isso que é profundamente reles e pequenino corre risco de se incendiar n'um formidavel perimetro a guerra mortifera, a guerra animal, rebarbarizante.

«Não haverá uma hora de paz na face da terra» deixou-nos dito o justo... Ora até hoje, hora nenhuma do mundo desmentiu a cruel profecia.

Clemenceau

Ao fim de trez anos e pico de acertado e forte governo caiu de surpresa o velho e gloriozo estadista. Clemenceau, a quem a imprensa alemã e ingleza chama o mais original e mais alto homem d'estado europeu, deixa aos sucessores que lhe tomaram a herança as mesmas linhas politicas, o mesmo pensamento de ação. Durante o seu governo liquidou-se a questão aguda, irritante, com o ultramontanismo, consolidou-se o prestijio e a força da republica, e assentou-se, nas bases jeraes, o scopo de reformas sociaes que realizará a republica. Foi uma obra de governo fecunda, intelijente, jenerosa, honrando o cidadão superior que a fomentou, e a grande e civilizada nacionalidade que a realiza. Como nota interessante diremos que Clemenceau, temerozo lutador da pena e grande *raisonneur* de ideias foi ministro pela primeira

vez já com cabelos brancos. Em Portugal os ministros são agarrados á rede logo ao sair da Universidade, e até, ás vezes, ainda no utero já são ministros. Também por isso são o que se vê: de pasmar!

Os liberaes

Na sessão parlamentar de sabado, Antonio José d'Almeida desejou tratar em negocio urgente do caso universitario Homem Christo. Como era um protesto contra a reacção, e como seriam vizados os nossos processos jesuiticos de ensino não houve na camara ninguem que votasse a favor com os republicanos. Rejeitaram os dissidentes e os outros, todos os deputados—que todos se dizem liberaes e o são... efektivamente. Liberaes, desde a pele até ao tutano, tão liberaes, senhores, que não perdem tiro e não erram bote na defeza pratica, incondicional, irremovível do jesuitismo, da reacção.

Curioza jente a de este paiz.

Os adeantamentos

Estão afinal apurados, limpos, sabidos. São de 611 contos á casa real, segundo as contas da commissião. João Franco tinha-os liquidado como sendo 771 contos de reis, isto é, lezava a casa real em nada menos de 160 contos. Interessantissimo...

E' arranjar outra commissião, novo inquerito. Ver-se-ha a conta descêr, mingar, a tal ponto que por fim se chegue á conclusão de que os adeantamentos não eram mais do que santa historia. Adoravel, encantadora boa fé portugueza.

Moral jesuít

Toda a jente o sabe a confissão é a grande força secreta, corrosiva dos jesuitas. Como eles a exercitam e empregam dil-o um dos seus nas instruções que lhes dirige (Gury, Teologia Moral, Tratado do Matrimonio, capitulo VIII); e eis o que o padre tem direito de inquirir sobre os pecados dos esposos, o que deve arrancar-se á pudicicia da mulher, ao seu natural pundonor conjugal:

«Tendo a mulhier casada alguma duvida a respeito do matrimonio, expunha-a com humildade a um confessor prudente».

«Ha pecados provenientes do acto conjugal cumpridos por excesso... e pecados provenientes do acto conjugal por defeito...»

A penitente sob o hipnotismo, a

nevrose do meio propicio, confessa minucias de uma importancia terrivel. Toda a sua vida, toda, a sua casa, todos os seus ficam sob a prizão inquisitorial do olhar jezuita: por assim dizer, pertencem-lhe.

Não que a relijião viva de tal imoralidade mas, ao jezuita, se lhe convem saber tudo, convem-lhe mais e melhor ouvir... o que nunca deve saber-se. Depois adveem as consequencias que certas vezes fazem escandalo, mas não se admirem os paes e os maridos: é a moral jezuita.

Director espirital

Todos os tratadistas e jeraes da companhia dos jezuitas desde Loyola a Aquaviva frizam que nas confissões semanaes, ou quando menos mensaes, é condção primacial têr-se um director espirital (o padre confessor) permanente.

E' a primeira imposição a conseguir dos pecadores, e deve reconhecer-se que é uma habilidade diabolica. Sempre o mesmo padre observando, espiando, acabando por subjugar o doente... tornando-o uma *couza* sua. Qual o pae, a mãe, o espozo, a espoza, o irmão, que a qualquer dos seus desejaria tal abdicção da vontade e tal amnezia homicida? Nenhum; e todavia da confissão, dogma intanjivel, vae-se muitas vezes dar a essa sujeição terrivel. Um director espirital *sempre o mesmo*, não é prurido inocente... Um director espirital *sempre o mesmo* não é inspiração do Espirito Santo...

... e continúa

Ah! ah! ah! ah! E' de morrer a rir! Abre o parlamento e... catrapuz, logo nas bochechas do presidente o quê? Tratado do Transvaal? qual?! Orçamento? nada! Crise financeira e agricola? menos!

Coisa emfim d'interesse para o paiz? Ora lérias!

Advinhem... Conceito fallou o conde... Regicidio pela prôa...

Ah! ah! ah! ah! Sempre elle ha cada... *talentoso*, por este mundo de sarrafaes...

Mas é par o que de resto não admira onde tudo anda ás par... elhas.

A aviação

Emfim, realizou-se com exito a primeira grande façanha da locomoção aerea pelo mais pezado que o ar. A travessia da Mancha pelo es-

paço é já um facto, notavel na historia humana, e o homem que realizou o empreendimento transpôz os humbraes da immortalidade. E merecidamente, pois que Bleriot com o seu monopiano tem evidenciado, desde ha muito tempo, as superiores qualidades da sua maquina de par com o proprio valimento de saber e de audacia. Agora esperemos que o, mesmo, ou qualquer seu competidor, bata o *record* da jornada celebre com mais arrojada e mais retumbante viagem. O ano dos aviadores apenas está em principio, de modo que, até ao fim de novembro, não faltarão surpreendentes triunfos. A lei da gravidade submetese... quem o diria a nossos avós, pobres escravos da roda, deploraveis vitimas da liteira!

Acordos

Ahi uns dias andaram turvos os ares da politiquice, com sinaes no camaroeiro de forte borrasca prosima. Falava-se em que progressistas e henriquistas iam degolar, como Herodes de parlamento, os meninos ministros, mas, afinal, Nossa Senhora da Paz houve por bem, milagrosamente, evitar a carnificina. E tão bem o fez a Piedosa Senhora que não sómente *tout le mond et son père* escapa mas, mais ainda, todos ficam amigos, todos desatam a sér compadres. Em troca fazem oferta á Senhora do encerramento das cortes, da protecção ao jesuitismo, da demora propoztada na discussão de questões capitaes como a dos sanatorios, adeantamentos, convenção transvaliana, o que não é pagar somiticamente... Isso que espere, os interesses e futuro nacional que durmam descançadinhos, está ali o santo acordo de guarda e tudo correrá o melhor possivel... no melhor paiz do planeta.

ARA

TROVAS

Pois tudo tam pouco dura como o passado prazer tanto me dá ter ventura como deixal-a de ter.

Acaba-se com a vida juntamente o mal e o bem, e quem maior dita tem tem mais penada partida; e pois é cousa segura que tudo fim hade haver, tanto me dá ter ventura como deixal-a de ter.

Nunca vi contentamento durar em nenhum estado,

e vi dar muito tormento lembrança do bem passado; pois magoa e pouco dura a refega do prazer, tanto me dá ter ventura como deixal-a de ter.

E' tam breve em si a vida, que tudo lhe corresponde; o prazer se nos esconde ou tem breve despedida; e pois são de pouca dura a vida e o prazer: tanto me dá ter ventura como deixal-a de ter.

A tristeza e o tormento sempre vi em mim sobrejo, e não vi contentamento que não viesse a desajo; a vida não é segura, e dura pouco o prazer, tanto me dá ter ventura como deixal-a de ter.

Toda a discreção consiste em saber homem com cedo que nenhum prazer faz ledo, pois o sér da vida é triste; se a vida não é segura e os gostos não teem sér, tanto me dá ter ventura como deixal-a de ter.

Estilo da natureza é prazer vir de passada, e o pezar e a tristeza fazer commosco morada; e pois tam pouco segura é a vida e o prazer, tanto me dá ter ventura como deixal-a de ter.

Bernardim Ribeiro.

Carta a um padre

Permite-me a liberdade de te tratar pelo «tu» sumario e familiar, embora entre mim e ti as relações sejam, puramente, as de abismo para abismo: tu um padre agregado á engrenagem da igreja catolica, apostolica, romana; eu um livre pensador aferrado ás minhas opiniões de irreligião.

E' que temos de palestar no mesmo pé de egualdade, e para a não olvidarm'os não ha como a jente entender-se por um tratamento precizo que nol-a lembre, naturalmente.

Ha tempos, padre, appareceu na nossa terra um movimento admiravel de vida para a fundação de uma Misericordia, instituição que nas linhas jeraes conheces para me dispensares, agora, de ta recomendar e lhe traçar o elojo. Todas as classes sociaes a receberam como devees supor com a melhor simpatia e com a mais forte azeção, todas, menos a tua.

Eu digo-t'o e não o acreditas,

Já lhe disse que você é homem capazorio, honrado...

—Quero cá dizer outra cousa... Você não intende...—E ouvindo abrir uma janela—lá está o fidalgo... Deixe-me lá ir.

E afastando-se do cazeiro ia dizendo consigo:

—Que tal está o labroste! Um homem vem de falar com el-rei, e topa com uma cavalgadura d'estas! Canalha ordinaria!

VIII

Quando Zeferino entregou a carta com um gesto soberbo da sua intervenção entre o fidalgo e o rei, o Cerveira olhou para o sobrescrito com extranheza, e disse que a carta não era para ele; e lia: *Ao conde de Quadros, jeneral do exercito real.*

—Isto que diabo é? —E' isso mesmo, fidalgo; isso que ahi está vi-o eu com estes olhos escrever el-rei o snr. D. Miguel, hontem á noute, das nove para as dez. O snr. conde é vossa excellencia mesmo, e eu sou sarjento mór das Lamelas; lá ficou o meu nome no livro e mais o de meu pai que foi despachado coronel por el-rei.

—O teu pai?! coronell... —E' como diz.

—Ora essa!... coronell caramba!—disse despeitado; parecia-lhe iniqua a promoção; mas qorreram-

é justo; visto que para ti a minha afirmativa é suspeita.

Mas não o será a de «A Discussão» jornal conservador, jornal catolico, folha muito temente a Deus. Essa não o será, não pôde sel-o sem agravo, e vê lá tu, relatamente, o que nos diz tal jornal:

«Corresponderam os rev.mos parochos á expectativa? Na quasi generalidade... não, com magua o affirmamos.

Excepção feita do parochio d'Ovar que, como presidente d'uma das commissões e como membro da assembleia geral, tem dado o seu melhor concurso á marcha normal dos trabalhos preparatorios para a Misericordia e enviou o melhor dos seus esforços para, com os demais collegas, angariar importantes donativos sem embargo do que elle proprio subcrevera, e do de S. Vicente que, tendo comparecido a algumas sessões da grande commissão installadora e havendo por nós sido inquirido sobre a subscrição na sua freguezia, nos declarou abertamente a impreterivel necessidade de addiar por alguns mezes o inicio do peditorio porquanto os seus parochianos acabavam de ser onerados, com pequenos intervallos, por duas subscrições para obras da igreja e embelezamento dos seus altares, os demais não só votaram ao ostracismo a sagrada e sublime missão que lhes foi confiada, preterindo, com o seu accommodatio desejo, os fins caritativos da instituição, mas até alguns ha que actos praticaram pelos quaes se revela já a má vontade á Misericordia, inaceitavel em todos os cidadãos mas sempre condemnavel em sacerdotes, já o comesinho expediente de colher donativos na respectiva freguezia applicando-os em proveito de melhoramentos locaes, embora de urgente necessidade, sem se importar com os compromissos tomados para com a commissão executiva da Misericordia».

«Uns lançando ao abandono completo a santa instituição da Misericordia, pois que nem um passo deram nas suas freguezias em demanda de donativos; outros, o que é peor, fazendo propaganda aleivosa e hostil».

Bem vês. Excepção do paroco da tua vila que lhe tem dado o melhor concurso, e do de S. Vicente que, afinal, pouco mais que palavras e platonismos tem dispendido, os outros, a maior parte, teem hostilizado a Misericordia.

Eles sós?... Não. Tu, os teus camaradas, vós todos, para a Misericordia, instituição basicamente cristã, fundação de caridade perfeita, que tendes feito, que tendes dado, que tendes sacrificado?... Dinheiro n'umas subscrições—nada mais! Detentores da divina graça, caixeiros-viajantes da immortalidade na gloria, senhores do ceu e senhores da terra o que vós poderíeis ter feito!... Na predica, na pratica chan e inteligente, na conversação, no confessorio, na orientação das almas devotas, vós, poderíeis ter carreado o mais duradouro e o mais benefico em favor da instituição. Não o soubestes, não o quizestes fazer... d'olhos postos, talvez, no ceu; ignorantes da desventura, desconhecedores da miseria!

Ah! padre, realmente, que admi-

lhe os velhos caprichos analogos d'el-rei; as injustiças d'algumas patentes superiores desde 1828 até á convenção.

E abriu a carta com moderado entusiasmo. Parecia que a sua razão imerjada, restaurada depois de duas horas bem roncadas, de papo acima, queria duvidar da autenticidade d'um D. Miguel que fazia sarjento mór um pedreiro, e coronel d'um reles alferes que passára das milicias de Barcelos para infanteria. Achava natural e plauzível em si as charlateiras de jeneral e a corôa de conde; mas as mercês feitas aos dois plebeus... Caramba!—Uma intermitencia de juizo. Emfim, abriu a carta e lêra para si com uma custoza interpretação, ora aproximando, ora distanciando o papel dos olhos.

A pouco e pouco dezavincou-se-lhe a fronte carregada, iluminaram-se-lhe os olhos, coava-se-lhe no sangue o suave calor do convencimento. Lia cousas que lhe evidenciavam um snr. D. Miguel autentico, o autor da carta. Conhecia-lhe a letra. Lembrava-se muito bem; era assim; e então a assinatura—*Miguel, Rei*—era tal qual. Chegou a um certo periodo que devia impressional-o mais pela mudança subita que lhe transluziu no semblante. Depois dobrou vagarosamente a carta,

(19) FOLHETIM

Camilo Castelo Branco

A Brasileira de Prazins

Eu estava a vêr quando o levava a breca de encontro a um esteio de pedra, que malhava abaixo da burra como um dez!... Depois o snr. Egas e o snr. Heitor lá o apearam como poderam, e foram-n'o pôr a dormir.

Arre diabo! Lá que um homem uma vez por outra apanhe um pi-fão, vá; mas embebedar-se todos os dias é muito feio! E depois ninguem se entende com ele. Medra com o suor dos pobres. Um fona. Que vá para o diabo, que o carregue. Tanto se me dá como se me deu. Se me mandar embora, boas noites. Não é capaz de perdoar um alqueire de milho a um cazeiro! Tem vinte mil cruzados de renda, não gasta nem cinco, andam os filhos a vender o mato e os pinheiros, uma vergonha, porque ele, a dois homens gastadores, que teem amigas, uma a cada canto, dá cada mez vinte pintos para os dois! O homem deve ter muita soma de peças enterradas! Qualquer dia cai-lhe ahi em casa o José Pequeno, da Lixa, que lhe põe a faca ao peito até ele pôr

ali o dinheiro á vista. Diz que quer comprar mais terras, e aqui ha dias ofereceu seis contos pela quinta do Lopes de Requião. Veja você. Tem seis contos ao canto da gaveta, e ainda não deu cinco réis, que são cinco réis, á filha, a D. Terezinha que casou com o estudante das Quintans.

Anda por lá de socos, sem meias, a fazer o serviço da cozinha. E estão ahi as outras duas, que parecem umas fadistas, nas romarias, e, quando Deus quer topa a jente de noute por esses quinchozos, esses marotos dos engenheiros e empreiteiros a saltarem paredes para se irem meter com elas na casa do palheiro. Uma vergonha, mestre Zeferino, a vergonha das vergonhas! Eu sou um pobre; mas raios me parta, que se tivesse assim umas filhas... Olhe... (batia com o pé em cheiro na relva) esmagava-as como quem esborracha uma toupeira. Deus nos livre de bebedos, Deus nos livre de bebedos! Você bem sabe o que isso é, mestre Zeferino, que pelos modos lá por casa não tem pouco que aturar o seu pae que tambem as agarrava muito *profeitias*. Olhe você como ele se tolheu quando foi, d'a de natal, dar fogo aos de S. Tirso! Aquilo só com meio almude no bucho!

—Não é tanto assim—atalhou o sarjento mór de Lamelas.—Não lhe digo que meu pae não tivesse

algum graeiro na aza; mas o que ele fez não era você capaz de o fazer, tio Manoel.

—Ah! isso não, bem o pode dizer mestre Zeferino. Nunca me emborrachei, aqui onde me vê com cincoenta anos já feitos; mas se algum dia me emborrachar, que ninguem está livre d'isso, prego-me a dormir e não vou atirar-me ao Ave em dezembro! Agora vou, se Deus quiser! Vae-se pôr o alma do diabo a dar vivas ao D. Miguel. Qual Miguel nem qual carapuça! Se D. Miguel cá vier ha-de fazer tanto caso de seu pae como eu d'aquella bosta que ali está. O que ele devia era tratar de conservar os terrões e fazer como você que se pôz a trabalhar e se fez pedreiro quando viu que os malhados lhe tomaram conta das terras. E d'ahi? Você hoje tem o seu par de *mel* cruzados, ganhados com o suor do seu rosto, e até já me disseram que você dava quinze centos ao de Prazins para lhe cazar com a rapariga. E' assim ou não é?

—Isso acabou—respondeu com desdem, irritado.—Agora não a queria nem que ele a dotasse com trez contos; intenda você o que eu lhe digo, tio Manoel, nem com seis contos! Você não sabe quem eu sou mas brevemente o saberá. Pouco ha-de viver quem o não vir.

—Não sei quem você é? Ora essa...

ravel ocasião estupidamente perdida. Que bela obra de catolicismo louvável, que estocada nos vossos detratadores; aqueles todos que, como eu, vêm em vós a sobrevivência do Erro sem que vos seja atenuada a nocividade por boas obras, por belos feitos.

O catolicismo está em antinomia constante com o progresso—(e o progresso sinteticamente é a arte de sermões mais felizes e mais perfeitos)—ouvimos-o, constantemente, e já tens tido ocasiões de sofrer essa acuação; ora, além d'isso, direi eu, o catolicismo não tem sequer a virtude de contribuir, algum pouco, para a melhoria das condições brutas da existencia Olha que não faço frases levanamente, tiro das couzas a conclusão inegável, a prova real legítima. Queres vêr? Pois olha, ha tempos, um jornalico inspirado clericalmente (*A Verdade*, folha catolica das proximidades de Gaia) disse da Misericordia e dos seus devotados fundadores injurias que se não admitem na lingua santa de fieis escrupulosos. Eu tive de vêr aquilo, por ruim osso do officio, e, confesso-te, se não fiquei surpreso tive um invencível sentimento de asco: aquilo era mais reles que uma latrina sujissima.

Ah! não vás dizer que o meu «odio» me leva lonje.

Não, em primeiro lugar porque esse «odio» não é individual, em segundo lugar porque, haja o que houver, o meu espirito jámais se aparta da serenidade precisa aos comentarios veridicos.

Padre ia a afastar-me do ponto; revertam-os a ele, pois. Os teus colegas não compreendem nada da vida, não vêm nada da alma. Tu és como eles, no teu materialismo relijiozo d'uma crença mumificada em dogmatismos escuros; vós, do Cristo conservaes apenas o corpo que negociaes, fabulozamente. A alma, a espiritalidade, o jenio reformador, deixastel-os alar-se difuzamente; e foi preciso que contra vós uma revolução se fizesse para que esse espirito tornasse ao mundo, inflamando os corações á custa da existencia d'aquelles que combatendo-vos, e por isso sendo crucificados, libertaram do teolojismo a idea do mais ideologo e do mais puro dos inimigos da teurja.

Este caso da Misericordia é uma illustração, dispensavel para todos os homens que já vos conhecem a perniciosidade; útil, porem, precioso, para a grande massa das pessoas de boa fé que em vós supõem depositada a caridade, a relijão.

Ele revela o vosso espirito acanhado, grosseiro, mesquinho; ele retrata a vossa moral incoerente, defeituosa, inquinada de máos intentos, ressumando actos indignos. Eu digo-vol-o e vaes ficar furiozo comigo, e, como tu, os teus camaradas vão-me apontar ao simplismo das multidoes como um caso de herezia horrorosa. Seja lá o que fór: —*alea jacta est*, como dizia o romano. E' anda um acto de moral catolica, pois bem sabes, fundamentalmente, que a acuação não parte de mim senão que deriva, essencialmente, da vossa conduta, do vosso carater relijiozo (deixe-se passar a palavra impropria). Deriva de vós, é vós mesmos, é, torno a repetil-o, a essencia, a substancia do vosso credo (outra impropriedade de etimolojia), devia escrever-se—do vosso officio.

Salvaes as almas «a rancos de latim» e, de quando em quando, petrificael-as de terror com a pintura do inferno, do Geheto subterraneo, das mil furias...

E' uma relijão de tragedia, de pavôr panico, e quando vos pedem para canalzar a sensibilidade dos crentes em beneficio, em lucro da vida, com a exceção d'um ou outro encerraes-vos no criterio seco e desolador do vosso calvario sangrento.

No vosso ponto de vista sois logicos: nada ao mundo, concessão nenhuma á existencia. Os doentes que morram pelas calçadas, glorificando Deus para maior gloria do ceu... as obras humanas mais lim-

pidas que sejam levadas ao purgatorio, para se lhes fazer em torremos a prezumível orijem pecaminosa.

Está assim bem.
Adeus.
Teu ex-amigo

Mausculus.

Victoria da Liberdade

A REVOLUÇÃO PERSA

Emfim o schah, o poder absoluto, acabam de ser vencidos, aniquilados na Persia.

Ha pouco mais d'um ano, quem se não lembra? a Havas emocionava o mundo com a noticia de que o real assassino atacava o palacio constitucional e os membros do parlamento a vomitos de metralha, e foi uma cousa heroica, forte, romana, a defeza desesperada e intransigente dos deputados da Persia. Muitos morreram na desigual e terrível batalha que transformou as côrtes n'um matadouro, outros mutilados, feridos, foram acabar ás prizões. Alguns alcançaram a salvação em rejiões de população amiga e ciozamente altiva nos plátos; outros, tiveram de recorrer ao auxilio para salvarem a vida, precioza á cauza da libertação nacional. O schah, na bebedice dos morticínios, na satisfação das vinganças, dava largas, cianicamente, a todos os odios que acumulára, a todas as bizarras e monstruozidades que lhe permitia a doutrina do seu direito divino, de ciencia certa e absoluta. Mas é má a quadra para os tiranos...

Um mez depois do sangrento golpe de estado, Tabriz, a terceira cidade do imperio, insurreccionava-se á voz de revolucionarios de audacia e rara enerjia. Exercitos, mercenarios, promessas, tudo tentou o imperante para abater a revolucionaria; debalde, que toda uma pleiade de homens valentes a defendia do tirano. Levantou-se o cerco, a revolução alastrou, cresceu como uma grande maré viva; apoderou-se de Isaphagan, dominou os plátos, os campos e as vertentes d'essa Irania sete vezes sagrada pelas raras civilizações, pela sua antiguidade, pelos seus filhos. Dominou-a, reergueu o persa da modorra negra; e triunfante, avassaladora, acaba de entrar em Teheran e vae depôr o tirano, o assassino, o perjuro. Um ano de luta que liquidou a deposição do miseravel; um ano de abnegação e heroismo que dá a liberdade aos que a bem a mereceram pois a conquistaram valorosamente!

Hontem a Turquia hoje a Persia e amanhã... qualquer dos povos que anseiam pela libertação;—mal aos reis vae correndo o tempo!

Como nota afinal frizemos que a intervenção das potencias, pedida, desejada;—não se deu em parte alguma do imperio. Inglezes e russos, tão especialmente interessados na vida intima da Persia, limitaram-se a simples e imparciaes espetadores. Pois ao Tzar vermelho não havia de faltar desejo de aguentar o colega—seu digno emulo nos maiores crimes. Mas teve de engulir, assistindo de braços cruzados á victoria do que mais odeiam os despotas: a Liberdade. E' que a consciencia mundial não permite a nenhum soberano a intervenção na casa dos outros.

ARTE & LETRAS

Verjel perdido

A mocidade ri no teu olhar, nos teus labios vermelhos; e exulta nos espelhos que tens no tocador p'ra te mirar, mas pensa, meu amor, que a has-de passar.

Has-de a passar fujindo essa beleza que é hoje a minha cruz, nunca notaste a luz? Pois vem a sombra, apoz, e de surpresa só deixa... escuridão... vacuo... tristeza!

Essa hora virá—inevitavel transformar o teu rosto, e um vivido desgosto succederá á fina tez afavel, como um desastre, um luto, irreparavel.

Lamentarás—então—saudozamente, a idade do amôr, serás a seca flôr... A flôr que não concebe, que não sente... que respirou, viveu... inutilmente!

Antonio Valente.

CHRONICA AGRICOLA

XLVI

Resta estudar, para d'uma fórma ligeira se examiaem as substancias que servem d'adubo na agricultura, o valor dos mattos, palhas, mexoalho, etc.

Entre nós chama-se matto indistinctamente ás plantas que vegetam nos pinhaes, ao junco e ao capim ou herva da praia.

Como, porém, é muito differente a sua riqueza, e natureza, examinal-os-hei separadamente.

Antes convém accentuar que a planta, o solo e o estrome teem tao estreita correlação entre si que os francezes teem como axioma que o *estrome de curral é a imagem do solo; aquelle possui as qualidades e defeitos d'este.*

E' facil de comprehender a razão d'isto:

Se o terreno é pobre d'um elemento, por exemplo: o acido phosphorico, as plantas que n'elle nascem sêl-o-hão tambem; os animaes que com ellas se alimentarem, necessitando de elevadas dózes d'acido phosphorico para a formação e conservação do seu esqueleto, pouco podem eliminar pela urina e fezes que vão formar o estrome e que d'elle vão pobres tambem.

Por aqui se vê a influencia que o solo exerce no estrome e que se dá com relação a cada um dos outros seus elementos.

Os mattos de pinhal variam immensamente de composição conforme os terrenos onde são creados e a planta que n'elles predomina. Se, como é vulgar, predomina o tojo e a giesta são mais ricos em azóte, como o são sempre que predominem as leguminosas.

O junco e a herva da praia, são muito mais pobres d'azóte.

Entre nós, porém, quasi se não emprega nenhuma d'essas substancias directamente como estrome, mas sim quasi exclusivamente para o fabrico d'estrome de curral, servindo de cama ao gado.

Dado o systema d'estabulação geralmente seguido entre nós e que não deixa de ser vantajoso, o qual consiste em ter o gado sempre sobre uma cama secca atravez do qual se infiltrem as urinas que vão ser absorvidas por as camas antigas que estão em camadas sobrepostas, outras considerações devem entrar em linha de conta para a apreciação dos mattos.

Quanto mais esponjosos estes sejam e mais rapidamente se curtam, mais valor tem porque embora naturalmente não sejam tao ricos, adquirem essa riqueza pela absorpção e retenção das urinas. Mas por outro lado o matto do pinhal é muito mais quente o que póde augmentar os defeitos dos curraes no vero, já de si pouco arejados e hygienicos.

Parece, pois, conveniente que a cama do gado seja de verão feita com junco ou herva da praia e no inverno com matto do pinhal o que é na realidade seguido e coincide com a talhadia propria.

Mas nem todo o matto serve como se corta. O tojo e a giesta quando antigos não podem deitar-se sob o gado sem previamente serem triturados ou em machinas proprias, ou pelo menos collocados n'um lugar de transito de carros e gados para os esmagar, podendo ser aproveitados os quinteiros onde para melhor vantagem se juntam as aguas das chuvas que os ajudam a curtir.

As palhas teem valor como adubo, mas entre nós são aproveitadas para alimento do armento; só os retraços desaproveitados vão para o estrome para onde levam o seu valor intrinseco e a facultade d'absorver as urinas.

Varia a sua riqueza com a planta a que pertence a palha; mas como isto entre nós pouco valor tem, passo a falar do mexoalho.

Este adubo constituido por districtos de peixe, ou mesmo peixe meudo que para nada mais serve, tripas e cabeças de sardinha ou caranguejo tem bastante azóte e acido phosphorico quando frescos, perde do muito quando entra em putrefacção.

O que, porém, o torna por vezes prejudicial até, é a quantidade d'oleos gordos que contém e que vão prejudicar e impedir a vegetação das plantas. Seria um magnifico adubo depois de fervido para se lhe extrahir o oleo e applicado incorporado no terreno porque como vulgarmente o usam em cobertura, além de perder muito do seu valor é anti-hygienico.

Ha tambem o birbigão e ameijoas com que não sympathiso. E' caro, e o seu maior valor vem do seu calcareo que não é aproveitado se as conchas não forem pulverisadas primeiro em moinhos proprios ou por os carros que as esmaguem bem nos caminhos.

Como entre nós ninguem assim as usa, são inuteis e por o preço do seu custo, obtem-se adubo de muitissimo maior valor.

fraqueados ao publico os logares ainda não occupados.

As galerias são, de manhã, reservadas para as crianças das escolas.

Os bilhetes para o espectáculo encontram-se á venda na «Havana», casa de Joaquim Ferreira da Silva—Successores.

Consortios

Na igreja da Sé do Porto effectuaram-se no dia 22 os enlances matrimoniaes do nosso bom amigo e correligionario Manoel José dos Santos Anselmo, com a menina Joanna de Jesus Rodrigues da Silva, e do snr. Antonio Rodrigues da Silva, filho do mesmo, com a menina Maria dos Santos.

Os noivos foram passar a lua de mel a Lisboa, d'onde já regressaram a esta villa.

—Tambem se realisou no dia 24, na parochial d'Esmoriz, o consorcio do nosso conterraneo snr. José Pacheco Polonia, com a snr.^a D. Isabel de Carvalho Almeida, filha do snr. Antonio Francisco d'Almeida, considerado capitalista e commerciante d'aquella freguezia.

A todos os noivos appetecemos um feliz porvir.

Actos

Na Universidade de Coimbra fizeram ultimamente acto, ficando plenamente approvados:

Da 13.^a cadeira de direito (administração colonial), o nosso amigo Antonio Baptista Zagallo dos Santos.

E da 1.^a cadeira tambem de direito (sociologia geral e philosophia de direito), o nosso amigo Anthero Araujo d'Oliveira Cardoso.

—Na Academia Polytechnica do Porto tambem fez no dia 26 acto da 6.^a cadeira (phisica geral), ficando igualmente approvado, o nosso amigo João Baptista Nunes da Silva.

A todos os nossos parabens.

Despacho

Por despacho ministerial foi nomeado delegado do Ministerio Publico para a comarca de Vagos, o intelligente advogado e presidente da camara de Estarreja, snr. Arthur Augusto d'Oliveira Valente.

Ao agraciado o nosso cartão de parabens.

Aviso

Direitos de Mercê e Contribuição de registo

São prevenidos todos os individuos que teem direitos de Mercê e Contribuição de registo em debito á Fazenda Nacional por este concelho, de que, em obediencia aos regulamentos em vigor e a ordens rigorosas, transmitidas a esta repartição, se vae proceder ao relaxe geral dos mesmos, sendo todavia facultado áquelles que quizerem, o direito de pagarem as suas dividas até 5 do proximo mez de agosto, o que se faz publico para conhecimento dos interessados.

Recebedoria do Concelho d'Ovar em 23 de julho de 1909.

O Recebedor,

Antonio Valente *Compadre.*

Imprensa Civilisação

Viuva Lemos & Gonçalves * * * *

* * * R. Passos Manoel, 211 a 219

* * * * * PORTO * * * *

Trabalhos typographicos * *

* * * * * em todos os generos

por preços modicos. * * * * *

NOTICIARIO

Dia a Dia

Regressaram de Verim (Hespanha) os snrs. dr. Joaquim Soares into e Manoel Maria Barbosa Brandão e esposa.

—Já se encontra entre nós, de regresso de Coimbra, o nosso amigo e distincto quintanista de direito Antonio Baptista Zagallo dos Santos.

—Partiu segunda-feira para Lisboa com seus filhos o snr. João de Oliveira Gomes Silvestre, bem-quisto constructor naval.

—Chegou de Lisboa, onde foi passar alguns dias, o snr. José Placido d'Oliveira Ramos, ourives d'esta villa.

—Partiu segunda-feira para as Pedras Salgadas o snr. Manuel Gomes Dias.

—Regressou com sua esposa das Caldas de Moledo o snr. João Ferreira Coelho, escrivão de direito d'esta comarca.

—Tambem chegou de Vidago o snr. dr. Ignacio Alberto José Monteiro, juiz da comarca.

Vida partidaria

Como tinha sido annunciado transferira-se para domingo findo a eleição da commissão parochial da freguezia d'Ovar. E no domingo, effectivamente, teve lugar a eleição. Por maioria de votos foram eleitos os seguintes cidadãos que ficam constituindo a commissão parochial d'esta freguezia:

Effectivos:

Dr. Domingos Lopes Fidalgo
José Tarujo Laranjeira
Luiz Ferreira Neves.

Substitutos:

Manoel Nunes Lopes
Manoel José dos Santos Anselmo
José Pinto Loureiro.

Esta commissão toma posse no proximo sabbado, sendo o acto no centro escolar do partido.

Festa escolar

Realisa-se no proximo domingo, 1 de agosto, a festa escolar promovida por a Commissão de Beneficencia escolar d'esta freguezia, para a distribuição de premios e donativos.

Como de costume, de manhã haverá sessão solemne na qual se entregarão os diplomas aos alumnos que mais se distinguiram durante o anno por a sua applicação, e os donativos que são 25 factos completos, áquelles dos seus subsidiados que maior assiduidade de frequencia tiveram e melhor aproveitamento.

Far-se-ha tambem a entrega dos premios das colonias ovaenses em Manaus e Pará e os denominados Oliveira Pinho e Saramago todos em consideração aos altos serviços prestados á beneficencia escolar d'Ovar.

Na sessão que começará ás 11 horas serão recitadas algumas poesias por creanças das escolas officiaes, e á noite haverá espectáculo de gala por a troupe infantil, com respectivo orpheon.

Ficam já prevenidas todas as pessoas que queiram assistir á sessão solemne que das 10 e meia ás 11 horas entrarão sómente as pessoas munidas de bilhetes para o espectáculo, sendo ás 11 horas

TANOARIA

E

ARMAZENS DE VINHOS

PARA

Consumo e exportação

DE

Carrelhas & Filho, Suc.^{or}

Grande deposito dos seus conhecidos vinhos--CELESTE (clarete), VIRGEM BAIRRADA (encorpado), VERDE DE CAMBRA e SUPERIOR BRANCO.

Alcool; aguardentes de vinho, figo e bagaceira; geropigas finas e baixas.

FINOS VINAGRES TINTO E BRANCO

Na sua "Tanoaria,, faz, toneis, pipas, quartolas, barris de quinto, decimo, vigesimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

RUA DAS FIGUEIRAS
== OVAR ==